

ATÉ DEPOIS DA QUINTA, SORRISO!

Gabriel Luiz de Jesus Ribeiro¹

Eram muitos os risos quando entramos na sala de número sete naquela quinta-feira de junho, depois de um tenso expediente. A alegria de estar naquele lugar era uma alegria fraterna, algo como se eu e os convocados fôssemos amigos de longa data, sem limites. O problema é que, ali, tinha algo muito pior que eu ainda não havia notado. Estavam apenas esperando a fase da comédia ser passada para trás, dando lugar à tragédia de algum acontecimento bem peculiar.

Tragédias são sempre precedidas por risos - olha a morte, então. Sempre antes de morrer, vive-se, e faz-se com muitas risadas, mesmo não tendo a certeza sobre sua autenticidade nem seu dever para com a dignidade.

Sorrir deixou, há muito tempo – de só ser e passou a ser o parecer, o que se parece, mas não é.

A verdade é que nas noites de quinta, o riso se transformou, estranhamente, em algo muito mais perverso, algo muito menos verdadeiro e muito mais interessado. Se transformou em, como as palavras, mentirosas que, só são descobertas com um prévio aviso, ou aviso prévio. O aviso de se dizer “tchau, aqui eu não volto mais”, mas não o aqui de advérbio, o aqui abstrato, aquela amizade, aqui, nesse fraterno sorriso que muito tem me desapontado. É aqui que não quero ficar mais, enfatizo, não o aqui desse lugar, mas o aqui desse sorriso falso, desse sorriso-fardo.

Quando estou caminhando na semana do tempo, naquela exata quinta-feira, dia 29, corro o máximo possível para devolver o que me foi entregue: o nada, o nadinha. Cumpro com os deveres primordiais, aquilo que – ainda – é minha obrigação: assistir, ver acontecer, aplaudir e, por fim, continuar sorrindo. Mas não mais o sorriso de quem é fraterno, não mais esse sorriso de quem confia, mas o sorriso de convivência, de convivência, o sorriso de consciência e, essa, suja.

Finalizando essa caminhada pelo instrumento de medida do tempo, e não meu, continuo a pensar o que me fez querer parar de sorrir, qual, de fato, a justificativa que darei

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Atenas

quando os palhaços me perguntam por qual motivo não acho mais graça nem mais compro ingressos para o circo. Ainda pensando sobre, prevalece-me a ideia de que saio porque quero, saio porque não acho mais graça, enfim, saio porque não pertencço mais ao circo da impiedade, ao circo da negatividade, ao circo com lonas pretas, escuras e bem espaçosas, onde se é possível dizer e fazer o que quiser, com um espaço cheio de coronéis populistas daquela cidade do interior.

Agora, nesse momento, *it's time to go*, é hora de ir, é hora de parar de rir, é continuar o fim da caminhada para um lugar mais engraçado, mais vivo, mais verdadeiro, onde seus palhaços continuem palhaços, mas menos forçados e mais engraçados. Um lugar onde o orgulho de se permanecer sorrindo seja o lema e oração de todos os dias, depois de um animado “bom dia!”.

Naquela quinta, um pouco antes de encontrar os convocados, sorrindo, vi o sorriso de quem decidiu parar de sorrir, indo embora para um lugar em que poderia - de fato - rir. Caramba! Por essa eu não esperava, não mesmo. Mas ele foi indo, corajosamente, sorrindo, como se a notícia de que fora expulso do grupo do riso não o tivesse afetado de maneira alguma. Normal, claro. Até quando me chamaram. Eu já tinha decidido também parar de sorrir e até disse: aqui, não fico mais, mas eles o fizeram primeiro e, também, já não me queriam mais. Meu riso não era falso o suficiente, tampouco fazia caras e bocas. No vigésimo nono dia do prévio anúncio da minha parada risatória, mandaram-me para casa, como um doente, como um louco, e me expulsaram para fora, sim para fora. Eles são coronéis, quinta-feira, não se importam com redundância.

Ao me despedir do grupo do riso, levo não mais do que o que pude construir não só nas quintas-feiras: alguns amigos, algumas mensagens, algumas pastas e alguns escritos. Não preciso levar muito, a esperança na procura de um lugar engraçado já basta para ser o mantenedor do meu do futuro. Esse meu futuro é viver mais: mais alegre, mais humano, mais vivo. O mais falso, mais feio, mais negativo deixarei para aqueles que pensaram que sorrir é apenas escancarar os dentes.

Poxa, que infelicidade, foi com a quinta, 29 de junho, que descobri que sorrir era apenas ser enganado.